

FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA, PROPOSTAS TEÓRICAS E METODOLOGIAS ATRAVÉS DO RECURSO DO MAPA MENTAL

ALMEIDA, David Luiz Rodrigues de¹

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

RESUMO

Este artigo resulta de discussões realizadas com alunos formandos da Escola Normal de Campina Grande – PB, assim como de alunos da rede pública municipal dos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Dialoga necessariamente sobre a formação dos Pedagogos para o ensino de Geografia e da possibilidade da articulação de conceitos, metodologias, temas e do recurso didático do mapa mental enquanto possibilidades da reflexão da realidade através da epistemologia geográfica. Demonstra que a representação do espaço pode auxiliar a leitura de mundo dos alunos dos anos iniciais propiciando um conhecimento significativo do lugar vivido. Para tanto se articula, a modo de exemplo uma atividade sobre globalização realizada com alunos de 5º ano, discutindo as possibilidades do recurso neste processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Formação de professores; Ensino de Geografia; Mapa mental; Lugar; Cotidiano.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu como reflexão de pesquisas realizadas com alunos da Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia em 2011 e com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I (EF I) da Escola Municipal Lúcia de Fátima Gayoso Meira no ano de 2012 ambas localizadas no município de Campina Grande, Paraíba.

A proposta tem como objetivo discutir a formação do pedagogo para o ensino de Geografia discutindo questões como identidade do professor, formação e autonomia em sala de aula. Posteriormente é tratado o Ensino de Geografia para os anos iniciais com a finalidade do posicionamento da escola enquanto espaço de complexas relações e de espaço de vivência da formação dos professores, baseando-se nas discussões realizadas por Canário (2006) e Pinheiro (2012).

Enfatizando questões referentes ao modo de pensar epistemologicamente o conhecimento geográfico, uma forma de construção metodológica racional da realidade

¹ Bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal da Paraíba, campus I - João Pessoa - PB. E-mail: david.lui13@yahoo.com

através de conceitos geográficos põe a ideia de refletir e agir conscientemente no espaço enquanto lugar de morada de alunos.

Posteriormente discuto a posição do mapa mental enquanto recurso didático para o ensino-aprendizagem de Geografia nos anos iniciais. Para isto demonstro a possibilidade da utilização deste recurso através de experiência realizada com alunos dos anos iniciais de uma escola pública municipal.

2. A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO (A) PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Discutir a formação de um profissional é sempre uma tarefa difícil de ser realizada. A complexa rede de fatores que personaliza e cria a identidade do mesmo revela as escolhas políticas, éticas, religiosas, sexuais entre tantas outras que interferem diretamente em sua prática profissional.

Aqui se demonstra a preocupação em estabelecer um diálogo com professores dos anos iniciais do EF I, que por sua vez formam os conhecimentos básicos, aos saberes e habilidades dos estudantes no componente de Geografia.

O pedagogo tem uma tarefa que ora se apresenta como um mediador do conhecimento socialmente construído ao longo do desenvolvimento da história, ora como responsável pela formação, e hoje principalmente, do sujeito social que vive em comunidade, que dela participa e age com justiça e igualdade ou pelo menos assim deveria ser.

O perfil que aponto apresenta um profissional que forma e é formado para discutir inúmeros conhecimentos, sendo a Geografia uma das convidadas para o ensino-aprendizado. Destarte, aponta os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Modalidade Normal (2006, p. 41) que

Para um trabalho, de fato, produtivo, há que ser feito todo planejamento de forma conjunta com as demais disciplinas: legislação, bases pedagógicas, psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, etc. A interdisciplinaridade apresenta-se fortemente favorecida nesta disciplina – Educação do Ensino Fundamental -, pois a necessidade premente da interação da mesma com quase todas as disciplinas do curso e a polivalência do professor em formação ocorrem pela própria necessidade.

Recorrendo aos apontamentos sobre o trabalho docente, formação e profissionalização discutida por Garcia (2008) é observado que o (futuro) professor enquanto educador mediador de uma ou mais componente de aprendizagem tem a

responsabilidade de auxiliar o aluno-aprendiz a compreensão do reconhecimento enquanto sujeito social capaz de pensar e agir com conhecimentos sobre a realidade.

Minha ênfase neste tópico refere-se a outros trabalhos desenvolvidos e discutidos como Almeida (2012) onde posiciono que a reflexão teórica do conteúdo ministrado, o diálogo permanente com o educando e a importância do exercício da criatividade a partir da imaginação que se desenvolve enquanto conhecimento epistêmico estabelece algumas relações no convívio escolar.

Outra questão que chama a atenção no trabalho docente e se torna hoje uma de minhas preocupações é se estes professores pedagogos estão prontos a afirmar sua identidade e exercer sua autonomia dentro do espaço escolar. Esta identidade esta relacionada à como o professor se vê, tal como os outros o observam, pois seu conhecimento através da identidade transforma seu saber docente por meio de uma produção simbólica e discurso, resultando em uma nova identidade, complexa e dialética.

Entendo que a cobrança de uma especificação sobre conhecimentos geográficos pelos pedagogos é uma tarefa difícil, visto que, os programas universitários de Pedagogia e as escolas Normais não buscam formar professores especializados em determinado conhecimento científico, as baixas cargas horárias nas grades dessas instituições revelam o curto prazo para se aprender e aprender a ensinar a Geografia Escolar.

Richter (2004) revela em seu trabalho a dificuldade em se formar pedagogos (as) para o ensino da Cartografia Escolar através de mapas cartesianos, entretanto o maior contato da Pedagogia com a Geografia em diferentes momentos como encontros acadêmicos, o exercício na prática e pesquisa escolar, o contato do estágio são algumas de minhas ideias para a reflexão do que e como ensinar Geografia nos anos iniciais do EF I.

3. ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Pensar o ensino de Geografia nos anos iniciais é abrir um leque de temas, conceitos e metodologias para o ensino-aprendizagem. Enquanto Geógrafo, ou melhor, professor de Geografia, reconheço que a melhor forma de pensar a aprendizagem nos anos iniciais do EF I é refletir COM pedagogos (as) e alunos (as) que compõem este nível da educação.

Quando me posiciono em refletir COM estas pessoas, indico que minhas ideias não estão prontas e acabadas, mas em um processo de construção social que considera o pensar e ser do outro. Canário (2006) demonstra que o cenário escolar atual é complexo e cheio de incertezas que resultão muitas vezes no “mal-estar docente”, para ele

Este “mal-estar docente” manifesta-se em diversas modalidades de desmotivação e absenteísmo, falta de investimento profissional, aumento de doenças ocupacionais, refugio em posturas defensivas (construção de estratégias de “sobrevivência”) e em um sentimento de nostalgia em relação a pretensos “anos dourados” da escola, situada em algum lugar do passado (CANÁRIO, 2006, p. 21).

Esta profissão, na leitura do autor supracitado, leva o professor à ambiguidade da percepção do seu trabalho docente observando esta atividade como cansativa e estressante a um trabalho satisfatório e gratificante.

Aponto estes fatores, por que é necessário verificar a preparação do pedagogo ao exercício do trabalho docente. A escola enquanto espaço de vivência e formação continuada ensina os docentes a resignificarem os conteúdos, métodos e conhecimentos, em especial de Geografia aprendidos nas escolas Normais e Universidades.

Ao entrarmos no espaço escolar podemos observar as ações e práticas destes professores ao mediar os assuntos de Geografia. Pinheiro (2012) em seu livro resultado de estudos de Pós-doutorado em educação destrincha as experiências docentes, a formação e práticas docentes nos anos iniciais do EF I baseado na metodologia autobiográfica de história de vida de quatro professores com formação inicial no curso de Magistério egressos do curso de Pedagogia da Unifesp – Campus Guarulhos.

Ao dialogar com os quatro professores sobre a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais, dividi os depoimentos sobre o ensino-aprendizado em Geografia em três itens: “[...] 1- Noções básicas de espaço; 2 – Organização dos conteúdos geográficos; 3 – Importância e dificuldades no ensino de Geografia” (PINHEIRO, 2012, p. 142).

Estes professores apontam entre outros fatores a importância do conhecimento do aluno sobre o espaço escolar, da localização dos diferentes espaços desde a distinção dos sanitários femininos e masculino, a localização de sua carteira em sala de aula. Questões referentes à organização do tempo e espaço escolar com a realização de filas, prática escolar, como são demonstrados a partir de depoimentos colhidos por Pinheiro (2012).

Esses saberes em alguns casos não são trabalhados como conteúdos de Geografia “perdendo” seu efeito de problematização do saber epistêmico pelo aluno, por isto é classificado como noções de orientação, localização é necessário assim o planejamento, e certo rigor metodológico na realização de atividades.

Ribeiro & Marques (2001) pensam o ensino de História e Geografia nos anos iniciais, discutindo possíveis metodologias e atividades para o ensino-aprendizado significativo para crianças favorecendo as noções espaço-temporais, aprendendo a ordenar o espaço e tempo escolar.

A organização dos conteúdos geográficos é em alguns casos, ensinados através de círculos concêntricos que desenvolvem o conhecimento a partir do corpo do sujeito até escalas maiores (mundo) sem relações. Autores como Straforini (2008), Pinheiro (2012) e Callai (2013) demonstram as problemáticas em relacionar o conhecimento geográfico em escalas distintas que não consideram o lugar como a totalidade das relações sócio-espaciais.

Entre as dificuldades referentes ao currículo destacam os professores entrevistados por Pinheiro (2012) que os dois blocos de ensino², que as noções propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), na maioria das vezes não é efetivada por falta de tempo e da maior necessidade de trabalhar assuntos relacionados à matemática e língua portuguesa para as avaliações nacionais (Provinha Brasil).

Entre as principais dificuldades citadas pelos professores desta pesquisa referem-se à discussão de conceitos e temas de Geografia, onde o grau de abstração torna-se mais relevante como a discussão das coordenadas geográficas, de termos como latitude, das orientações Norte, Sul, Leste e Oeste e de conceitos da Geografia física, como placas tectônicas, ou ainda divisão territorial, globalização entre outras questões.

4. A UTILIZAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA O ENSINO-APRENDIZADO

Minha indagação sobre o tema vem sendo desenvolvidas desde a graduação, no XII Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia: formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão que ocorreu entre 15 a 19 de

² Divisão realizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997). Esta divisão em ciclos relaciona o atual 1º e 2º ano do EF I (1º ciclo) e 3º e 4º ano do EF I (2º ciclo).

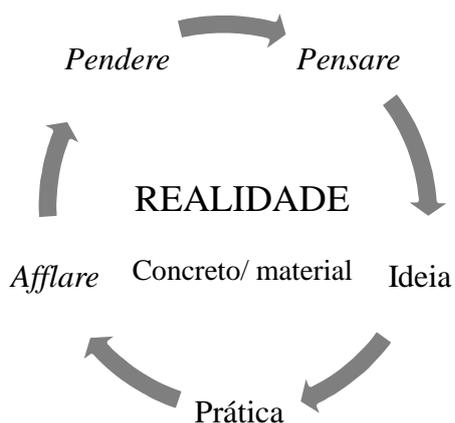
Setembro de 2013 em João Pessoa – PB obtive a oportunidade de discutir com geógrafos e pedagogos sobre as questões epistêmicas no ensino-aprendizado e observar que esta é também uma das preocupações de professores de Geografia e Pedagogia de todo o Brasil que participam e pensam a escola.

Considerando as palavras de Moreira (2011) observo que “A geografia é uma forma de leitura do mundo”. Mas para ler este mundo, a realidade, utilizamos um arcabouço de categorias, conceitos e princípios lógicos da Geografia para realização desta tarefa.

Trabalhamos com coisas reais a partir da ideia que temos delas. Quando falamos “cadeira” nosso pensamento configura em nossas mentes a representação do objeto conhecido, experienciado através de nossa vivência. Neste aspecto compreendo que a experiência vivida como destaca Callai (2013) é necessário para apropriação das coisas reais através da palavra, signo criado para identificação do objeto.

Este princípio de atividade da razão permite pensarmos a palavra com a própria coisa física. Refletir epistemologicamente o espaço geográfico requer como discutido anteriormente um conhecimento conceitual, metodológico e metódico. Baseado em autores como Moreira (2011) e Abbagnano (2007) discutirei um esquema de pensamento que venho desenvolvendo (ver figura 1.).

FIGURA 1. ESQUEMA METODOLÓGICO DE APREENSÃO DA REALIDADE



Elaborado por: David Luiz

Academicamente a palavra **achar**, vem sendo substituída do discurso pela palavra **pensar**. Entretanto a indagação a respeito destas palavras recorre a sua etimologia e significado na reflexão e ação do ensino-aprendizado de Geografia. A

palavra **achar** (do latim *afflare*) no sentido de “soprar, espalhar, farejar”, sua utilização esta relacionada à atividade de caça através de cães, embora indique um elemento primordial aquele que busca aprender a necessidade da investigação, da procura incessante a alguma coisa que não compreende, apontaria quatro fatores que influenciam a primeira atividade em busca do saber (não apenas científico). 1) observação; 2) suporte teórico (leitura através de imagens, textos, vídeos etc.); 3) Pesquisa (contato em *lócus*); 4) Aprendizagem com os mais experientes (ensino – aprendizagem) não apenas no âmbito escolar.

Ao analisar a palavra **pensar** é possível reter a expressão relacionada ao latim *pensare* da mesma raiz etimológica da palavra *pendere* (“pendurar, pesar”). Compreendo que a lógica do *afflare* condiz com o equilíbrio de *pendere*, que permite ponderar, analisar os fatores, calculando os prós e contras do real estruturado na lógica do pensamento *pensare*.

A ideia resultante deste processo da abstração do real através da lógica racional desenvolve uma interpretação que analiso como dialética e parcelar, pois a própria ciência garante a validade da “verdade” através da demonstração, descrição e/ ou corrigibilidade. Neste caminho o resultado estaria relacionado com a prática (objetiva ou/ e subjetiva) através da relação homem-homem ou homem-meio sobre a realidade.

A categoria enquanto uma referência ampla e universal discute de forma extensa o termo no tempo e espaço sem uma determinada datação do elemento destacado. O conceito, por sua vez, corresponde a uma referencia direta ao objeto estudado, resumindo e demonstrando o raciocínio científico.

Para Moreira (2011, p. 108) “O conceito vem basicamente de nossa relação lógica-intelectiva-com o mundo, num ato de racionalização dos dados sensíveis [...] E as categorias são os conceitos vistos na ação prática de transformar os dados da experiência sensível em teoria”. Trabalhar com o ensino-aprendizagem de Geografia é destacar o conceito datado e discuti-lo é referir-se a epistemologia da ciência. Lembrome de minha experiência enquanto professor-pesquisador em uma turma de 5º ano do EF I no ano de 2012, quando penso COM alunos o conceito de paisagem e lugar. Observamos um canal próximo a Escola Municipal Lúcia de Fátima Gayoso Meira, no Bairro do Lauritzem em campina Grande - PB (ver figura 2).

Embora este lugar de vivência do aluno, caminho do trajeto casa-escola, demonstra-se um aspecto poluído e desagradável, na visão dos discentes, os alunos compreenderam que este também é uma paisagem geográfica, damos sentido a esta

experiência vivida relatando o contexto histórico deste canal enquanto o riacho das piabas do município, desdobrando em temas como poluição, meio ambiente e urbanização.

FIGURA 2. CANAL SITUADO NA AV. CAJAZEIRAS PRÓXIMO A RUA DA ESCOLA.



Fonte: Almeida (2012)

5. MAPA MENTAL E A APROXIMAÇÃO DE TEMAS

Estudos relacionados aos recursos didáticos para o ensino de Geografia vêm sendo realizados nos últimos tempos para todos os anos da educação básica. A utilização de mapas cartesianos através de uma perspectiva piagetina por Almeida & Passini (2010), o desenho no ensino-aprendizado em geografia pesquisado por Miranda (2005) e geotecnológicos por Almeida (2012) demonstram que as pesquisas por recursos didáticos para os anos iniciais vêm sendo buscado por geógrafos que também pensam esta realidade escolar.

Atualmente pesquiso a possibilidade do mapa mental enquanto recurso didático em Geografia para os anos iniciais do EF I. Baseado em autores como Richter (2011) e Kozel (2008) compreendo este recurso como uma expressão livre de representação do espaço geográfico, vivido que possibilita a discussão dos elementos espaciais através de uma discussão conceitual com alunos e professores deste nível da educação.

Para Richter (2011, p. 18) “[...] além de utilizar a fala, a escrita, a imagem ou o próprio mapa convencional/ tradicional, aluno terá a oportunidade de apresentar num

mapa mental suas interpretações a respeito de um determinado lugar, provenientes de leituras mais científicas da realidade”.

Esta interpretação do lugar vivido pode revelar outros conceitos que podem estar articulados e problematizar a discussão da realidade em sua totalidade. O mapa mental compreendido como uma representação do espaço geográfico é construída em uma relação dialética da imagem (do desenho da criança) com a fala (expressão verbal da intenção da imagem). A seguir um exemplo de atividade que ressalta este contexto.

5.1 Discutindo a globalização através do recurso didático do mapa mental

Em experiência de pesquisa com alunos do EF I, obtive diferentes mapas mentais que representavam elementos ou o próprio trajeto casa-escola realizados por aqueles alunos. Entre tantos temas pensados e discutidos naquela ocasião sobre a Geografia e o processo de globalização através destas representações que evidenciam o lugar.

Descrevo em Almeida (2012) que desde a Segunda Guerra Mundial a sociedade muda, pois hoje o meio técnico-científico-informacional interfere na relação desta geração na interpretação do espaço geográfico. O acesso a *mass mídia*, a internet entre outros recursos modificam a percepção da criança através da visão de mundo.

Na figura 3. podemos observar a representação de um supermercado enquanto forma espacial que têm determinada função naquele espaço. Torna-se assim também um local de consumo, um espaço comercial formal diferenciado das quitandas descritas pelos alunos, através da descrição dos trajetos por eles percebidos.

Quando eu venho para a escola de manhã, eu vejo prédios, casas, o canal, oficinas, loja de carro para colocar som, ônibus, caminhões, carros, motos, supermercado, depósito, árvores, esgoto e bueiros, uma pista, fruteiro de fruta, uma academia, uma escola, uma barraquinha de bala, uma oficina de bicicleta, um estacionamento, um aquário, uma casa que concerta televisão e DVD e uma ponte e etc. (Jorge³)

O próprio estabelecimento retratado representa uma rede de supermercados que estão pensados e organizados sobre o espaço, ultrapassando a lógica do lugar. Lembra Santos (2008, p. 29) que “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”.

³ Os nomes aqui citados são fictícios para preservação da identidade das crianças.

Compreender COM os alunos que o tênis que usam é produzido em uma sociedade distante da sua, com outra cultura e modo de vida diferente e que os produtos daquele supermercado também advém de outras realidades que outras pessoas, em outras partes da cidade e do Estado da Paraíba consomem produtos semelhantes, a custos semelhantes, quebra de antemão a inocência simplista do ensino deste tema.

O conceito de lugar nesta proposta ultrapassa a ideia do apenas conhecido, instigando o aluno pensar além, construindo através da busca *afflare*, um meio de comparações *pendere* construindo um novo pensamento, exercendo uma nova prática agora mais consciente que antes, obtendo o porquê, do que, como e para que aprender Geografia e resignificando o conhecimento geográfico com o contexto social para a vida urbana ou rural.

FIGURA 3. MAPA MENTAL DE CARLOS DO 5º ANO



Fonte: Pesquisa de campo, Abril de 2012.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a discussão realizada caminho para uma reflexão que garanta não apenas auxiliar (futuros) professores de Pedagogia e Geografia e de alunos dos anos iniciais do EF I, mas pensar com estas pessoas, em busca de soluções para os problemas ainda vigentes na escola. Caminhar com as dificuldades, os baixos salários dos docentes e sua alta carga horária de trabalho, ainda é hoje um dos quesitos do desafio de aceitar este trabalho.

Mas estar comprometido com a prática escolar é refletir e auxiliar o aluno a exercitar o conhecimento mediado pelo professor. Planejar as aulas considerando, metodologias, conceitos, temas e recursos é como demonstrado um dos fatores que garante não o sucesso da realização da atividade, mas a tranquilidade e tomada de consciência de uma autonomia do que e como ensinar Geografia.

Considero neste contexto, que o mapa mental enquanto recurso didático possa possibilitar o ensino-aprendizado de Geografia, podendo tornar-se uma prática nas escolas, possibilitando a formação de um professor pesquisador e de um aluno socialmente ativo, crítico e consciente do que sabe e do que fazer com este conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revista e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, David L. R. de. **Ensino de geografia no nível fundamental I: o uso de recursos geotecnológicos e de novas metodologias de ensino-aprendizado**. 2012. Trabalho de Conclusão de curso (graduação em geografia). 94 f. – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

_____. Geografia nas séries iniciais: o espaço, o tempo e a educação. In: 12º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA: formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. **Anais...** João Pessoa – PB, 2013, p. 1457 – 1468.

ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 16ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia. 1º e 2º ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GARCIA, Tânia Cristina Meira. **Trabalho docente, formação e profissionalização: o que nos revela o cotidiano do professor.** Natal [RN]: EDUFRN, 2008.

KOZEL, Salete. Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos. **Anais...** Porto Alegre - RS, 2010, p. 1 - 11. Disponível: <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4528>. Acesso: 12 agosto de 2013.

MIRANDA, Sérgio Luiz. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica.** 2005. 162 f. Tese (doutorado). – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2005.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **Lugares de professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo: Porto de ideias, 2012.

RIBEIRO, Luís T. F.; MARQUES, Marcelo S. **Ensino de história e geografia.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

RICHTER, Denis. **Professor (a), para que serve este ponto aqui no mapa?: a construção das noções espaciais e o ensino da Cartografia na formação do (a) Pedagogo (a).** 2004. 155f. Dissertação (Mestrado). – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2004.

_____. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional.** 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.